

**Para a décima segunda edição do programa de exposições em curso dedicado à natureza, Abreu Advogados, em parceria com Carpe Diem Arte e Pesquisa, apresenta uma série de obras da artista Barbara Wildenboer**

### **Barbara Wildenboer**

Barbara Wildenboer vive e trabalha na Cidade do Cabo. É representada por galerias na Cidade do Cabo, Joanesburgo e Londres. É também representada em Lisboa e Luanda pela Galeria de Arte THIS IS NOT A WHITE CUBE. Em 2007 obteve um mestrado em Belas Artes (com distinção) na Michaelis School of Art da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul. O título da sua tese de mestrado foi Ausência Presente / Presença Ausente, e a investigação incidiu sobre aspectos de melancolia, perda e saudade tal como são incorporados pelo meio fotográfico. Antes disso, completou um BA(Ed) com especializações em Literatura Inglesa, Psicologia e Pedagogia na Universidade de Pretória em 1996, seguido de um Bacharelato em Artes Visuais na UNISA em 2003. De 2009 a 2016, trabalhou como diretora do Departamento de Fotografia do Departamento de Fotografia no Cityvarsity College of Creative Arts, onde leccionou Teoria e Discurso e História da Fotografia. Em 2011, foi nomeada e subsequentemente seleccionada como uma das 20 finalistas do Sovereign African Arts Award, pelo qual recebeu o Prémio Escolha do Público. Ficou também entre os 20 finalistas do Thamy Mnyele Fine Art Awards (África do Sul) em 2021. Para além disso, foi premiada com várias residências internacionais, tais como a residência Unesco-Aschberg (Jordânia, 2006), a residência Al Mahatta (Palestina, 2009), a Red De Residencias Artísticas Local (Colômbia, 2011), a residência artística Rimbun Dahan (Penang, Malásia, 2013), L'Ateleier Sur Seine (Fontainebleau, França, 2017) e Hannacc (Barcelona, Espanha, 2018).

“LOOT - SPOILS OF WAR”, decorre do interesse crescente da artista pela forma como um novo modelo de significações foi gerado e moldado a partir do encontro histórico e civilizacional entre África e a Europa.

A materialização da ideia dá-se através da exploração do conceito de 'apropriação' que, se por um lado constitui, nesta exposição, uma referência direta aos artefactos saqueados e expropriados das suas origens no contexto da colonização, por outro lado, traduz a consistência plástica da obra da artista que, na apropriação “*per se*” encontra um instrumento de trabalho verdadeiramente essencial para a construção de um *medium* artístico que desde há muito envolve a reconfiguração e integração de textos, livros, mapas e imagens pré-existentes em colagens e instalações tridimensionais.

Transversalmente, Barbara Wildenboer utiliza no seu processo criativo uma combinação de processos analógicos e digitais que concorrem para a construção de uma obra diversificada e rica, composta maioritariamente por colagens, construções fotográficas, instalações em papel, esculturas fotográficas animadas digitalmente e *book arts*.

Tendo por base este modelo e o conceito de apropriação, ao longo dos últimos dois anos, a artista recolheu imagens de inúmeros artefactos antigos de proveniências distintas - de África, Oceânia, Grécia Antiga, Mesopotâmia e Américas - que atualmente integram as coleções de museus no mundo ocidental, na Grã-Bretanha, Alemanha, França e EUA.

Arredadas do contexto original e assembladas em sistemas visuais complexos, de carácter surrealizante, estas imagens passam por um processo autoral de re-significação, assumindo uma natureza renovada. Na sua génese está uma (re) leitura iconográfica que enquadra o peso histórico dos contatos de carácter intercultural.

Ao longo da exposição, assistimos a um ritual de re-significação iconográfica, de descodificação e recodificação da imagem, que concorre para a construção de uma visão crítica da historiografia e dos processos de apropriação e “fetichização” das culturas.

No epicentro da mostra e do debate que através desta a artista procura alavancar, encontramos um conjunto de instalações escultóricas monocromáticas que na sua configuração se assemelham a “escadas, postes, árvores, torres”, totens ou pequenos obeliscos, que “*consistem numa assimilação de diferentes relíquias, figuras de fertilidade, máscaras, vasos e elementos arquitectónicos*” diversos.

Estes artefactos de papel, agrupam-se arguta e sagazmente, numa acomodação refletida que evoca, de um modo idiossincrático e absurdo, a sistematização do Museu Ocidental para evidenciar as múltiplas formas como estes objetos podem ser percecionados.

“*As esculturas de papel aludem à curadoria das exposições de artefactos arqueológicos que, sendo colocados em pedestais ou em vitrinas, são depois iluminados por forma a produzir a ideia da aura de uma obra de arte sobre objeto que está já muito afastada das suas funções originais*”.

*O resultado é uma espécie de documentário de ficção ou de documento ficcional que faz referência a coisas reais, mas que as transforma em algo mais.*”

Os conceitos de originalidade e de autoria são elementos centrais nesta exposição de Barbara Wildenboer, que através da sua ação, num desafio declarado às convenções do mundo artístico, vem produzido contributos significativos para a inversão do pensamento numa era marcada pela necessidade de imposição de uma ideologia decolonial.

**Graça Rodrigues**